

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

TÍTULO: O MÉTODO JORNALÍSTICO NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS REVISIONISTAS: UMA ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO "1964 - BRASIL ENTRE ARMAS E LIVROS"

Thaynara Goes da Graça; Bacharel em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); thaynaragoesg@gmail.com
Rodolfo Stancki Silva; Doutor em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Professor associado do Departamento de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); stancki@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa trata da relação entre o método de produção jornalístico e a apropriação desses recursos para a construção da imagem de credibilidade de um veículo. Além disso, o artigo pretende investigar como se dá o uso das metodologias jornalísticas pela Brasil Paralelo no documentário “1964: O Brasil entre Armas e Livros”. São os objetivos específicos: classificar a tipologia da desinformação e como ela se apresenta no longa; avaliar a construção dos critérios de credibilidade; e identificar os recursos de metodologia jornalística que norteiam o filme. Para atingir os objetivos, serão utilizados os procedimentos metodológicos da Análise de Imagens em Movimento, descritos por Diana Rose (2008). Os principais autores utilizados para esta pesquisa foram Marcos Napolitano (2021), para definir revisionismo histórico; Claire Wardle (2020) e João Paulo Bachur (2021), para conceituar desinformação e como ela age no campo político, respectivamente.

PALAVRAS-CHAVE

Metodologia jornalística; desinformação; documentário.

1. INTRODUÇÃO

No ano de 2016, o cenário político brasileiro foi palco de momentos cruciais que deixaram uma marca profunda na história do país. O acontecimento mais importante desse ano foi o impeachment da então presidente Dilma Rousseff, acusada de corrupção por conta de irregularidades fiscais. Com a saída de Dilma Rousseff e a posse de Michel Temer na presidência do Brasil, teve início um governo permeado pela implementação de políticas neoliberais. Esse período foi marcado por diversos protestos populares, escândalos de corrupção e implementação de reformas

estruturais, como a previdenciária. Paralelamente, acontecia a Operação Lava Jato, uma investigação sobre corrupção em empresas estatais, que continuou revelando a extensão do esquema corrupto, atingindo figuras políticas e empresariais de destaque, o que contribuiu para um cenário de instabilidade política.

Ao mesmo tempo, novos movimentos de direita começaram a surgir, muitos alinhados a um discurso conservador e nacionalista, ganhando visibilidade e apoio com a promessa de fazer uma “nova” política. Segundo Charaudeau (2008), o discurso político engloba tudo aquilo que diz respeito à organização da vida em sociedade e ao governo da coisa pública. Os setores da sociedade que se opunham às políticas progressistas do governo de Dilma Rousseff e Lula viram na ascensão da extrema-direita uma resposta às mudanças sociais e econômicas que estavam ocorrendo.

Foi nesse clima de insatisfação política que surgiu a produtora Brasil Paralelo. Fundada em 2016, a empresa se define como produtora de conteúdo jornalístico, de entretenimento e educação. A empresa ganhou notoriedade por seus vídeos e documentários que exploram temas históricos, políticos e culturais do Brasil. A BP se autodenomina como uma iniciativa independente que busca oferecer uma perspectiva alternativa sobre eventos históricos e questões contemporâneas, apresentando um viés conservador e crítico em relação a determinadas correntes ideológicas.

Um de seus documentários mais conhecidos é o “1964 - O Brasil entre Armas e Livros” (2019), obra que remonta os acontecimentos da ditadura civil-militar brasileira utilizando-se de revisionismo histórico, que é um método utilizado por historiadores que tem como objetivo analisar documentos e fontes históricas para descobrir novos elementos e, desta forma, enriquecer ou adicionar fatos na narrativa histórica. Este procedimento tem caráter científico, já que se baseia em diferentes fontes e um método para produzir e adicionar essas narrativas. Porém, com a ascensão da extrema-direita, vários grupos extremistas utilizam essa técnica de maneira deturpada para criar narrativas que beneficiem a ideologia que mais lhes convém.

Partindo do que é observado nas produções da Brasil Paralelo, e levando em consideração os elementos utilizados pela produtora para a construção de uma imagem de confiabilidade, a presente pesquisa pretende responder o seguinte problema de pesquisa: quais são os recursos jornalísticos dos quais a Brasil Paralelo se apropria no documentário “1964 - O Brasil entre Armas e Livros” para passar a imagem de credibilidade?

A intenção primordial dessa pesquisa é identificar os recursos utilizados pela produtora no documentário que simulam a metodologia de apuração do jornalismo e relacioná-los com a construção da imagem de credibilidade perante o telespectador. Como objetivos específicos, este artigo buscará:

- Classificar a tipologia da desinformação e como ela se apresenta no documentário;
- Avaliar a construção de critérios de credibilidade;
- Identificar os recursos de metodologia jornalística que norteiam o longa.

Para responder a essas questões, será realizada uma Análise de Imagens em Movimento proposta por Diana Rose (2008) no livro “Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som”, de Martin W. Bauer e George Gaskell. Essa metodologia é usada para analisar conteúdos audiovisuais, e é constituída por quatro fases: seleção, transcrição, codificação e tabulação. O estudo possui abordagem qualitativa e pretende analisar o documentário a partir de três categorias: Recursos de Metodologia Jornalística, Tipologia da Desinformação e Critérios de Credibilidade.

2. METODOLOGIA

Para atingir os objetivos do artigo, utilizou-se primeiramente o método de pesquisa bibliográfica. Desta forma, a pesquisa se debruçou em desenvolver um diálogo entre as seções teóricas do trabalho.

Os tópicos abordados pelo artigo dentro das seções são voltados para compreender o fenômeno da desinformação e como ele se aplica no ambiente digital, assim como esclarecer qual é o papel da metodologia da prática jornalística e analisar

quais critérios são levados em consideração para construir a imagem de credibilidade dentro do jornalismo. Além disso, a pesquisa também se propôs a promover discussões fora do âmbito do jornalismo, que abordam o conceito de revisionismo histórico e sua intencionalidade. Todos esses tópicos foram explorados para entender como a metodologia jornalística tem sido empregada em produtos não jornalísticos para aparentar veracidade e continuar propagando conteúdo desinformativo.

Com a intenção de investigar essa prática, mais especificamente no caso da Brasil Paralelo, será realizada uma análise de imagens em movimento proposta por Rose (2008) sobre um dos documentários mais famosos da produtora: 1964 - O Brasil entre Armas e Livros. Seguindo o método proposto por Rose (2008), esta análise se fundamentou em quatro etapas: seleção dos materiais que irão ser analisados, transcrição, codificação e tabulação dos resultados.

3. REVISIONISMO HISTÓRICO E NEGACIONISMO

A expressão revisionismo histórico apareceu pela primeira vez no debate aberto pela intervenção de Eduard Bernstein (1850-1932), um político e teórico alemão responsável por levantar teses revisionistas acerca da interpretação oficial da obra de Marx e Engels no Partido Social-Democrata (Andrade, 2006). Somente depois da Segunda Guerra Mundial é que os historiadores começaram a usar de fato a nomenclatura, seja para citar abordagens que consideravam inovadoras ou para criticar viradas ético-políticas (Traverso, 2007, p. 95-97, apud. Melo, 2016, p. 50).

Em termos conceituais, o negacionismo, por sua vez, está ligado à negação a priori de algum acontecimento (Napolitano, 2021). Para Napolitano, os negacionistas rejeitam o conhecimento histórico fundamentado em metodologias científicas e alimentam teorias da conspiração em nome de uma “verdade oculta” das instituições. Além disso, o autor também afirma que, nos primeiros anos do século XXI, essas teorias têm sido fomentadas por interesses políticos, principalmente por partidos e líderes da extrema-direita. Resumidamente, enquanto os revisionistas criam uma narrativa para um fato, se utilizando de novas fontes e/ou metodologia, os negacionistas recusam o conhecimento construído pelos historiadores em razão de teorias da conspiração.

4. DESINFORMAÇÃO: UM CONTEXTO POLÍTICO

Dentro das discussões sobre desinformação, é comum que o termo fake news venha à tona. O movimento de popularização desta expressão começou em junho de 2016, com o plebiscito para o Brexit, a saída do governo do Reino Unido da União Europeia. Durante a votação, foi constatado que houve uma tentativa de manipulação eleitoral através dos dados privados dos usuários nas redes sociais. Dessa forma, o algoritmo detectava os perfis que se identificavam mais com determinadas pautas alinhadas ao conservadorismo e direcionava um maior volume de clickbaits com propagandas e notícias falsas que causavam um alarmismo em quem as lia, incentivando -os a votar para a saída da União Europeia (CADWALLADR, 2017, 2018, apud BERNARDI, 2019, p. 46). Neste mesmo ano, o dicionário English Oxford Living Dictionary, do Reino Unido, elegeu o termo “pós-verdade” como Palavra do Ano de 2016.

Naquele mesmo ano, a expressão fake news surgiu novamente durante as eleições presidenciais americanas. Essa nomenclatura era amplamente utilizada durante as campanhas dos presidenciáveis, principalmente por Donald Trump. Com o fim das eleições meses depois e a vitória de Trump, foi realizada uma coletiva de imprensa no dia 11 de janeiro de 2017 para o presidente recém-eleito. Na ocasião, Trump utilizou o termo fake news para acusar um jornalista da CNN de realizar um trabalho parcial. Durante toda a campanha, Donald Trump contestava as notícias divulgadas pela imprensa tradicional que criticavam seu comportamento, e muitas vezes ele recorria às redes sociais (principalmente o Twitter) para contrariar os fatos e/ou compartilhar notícias enganosas. No fim daquele mesmo ano, em novembro, o dicionário britânico Collins Dictionary elegeu fake news como a “Palavra do ano 2017”.

Tanto o caso de manipulação de dados pessoais ligados ao Brexit quanto a ampla difusão de notícias falsas nas campanhas para as eleições americanas de 2016 foram responsáveis por evocar o fenômeno da desinformação, que se transforma e engrandece dentro das mídias sociais e no âmbito político. Para compreender como a

desinformação se manifesta e sua relação com os termos fake news e pós-verdade, vamos abordar alguns conceitos.

4.1 DESINFORMAÇÃO POLÍTICA

Tendo em vista a origem e o uso do termo fake news, podemos afirmar que o fenômeno da desinformação cresce dentro do ambiente político. Para citar um exemplo mais familiar, temos as eleições presidenciais brasileiras de 2018. Nesta ocasião, pudemos observar o uso em larga escala das mídias sociais pelos candidatos à eleição. Jair Bolsonaro, uma das principais figuras que concorriam à presidência naquele ano, utilizava muito suas contas nas redes sociais (principalmente o Twitter, assim como Trump em 2016) para disseminar uma série de boatos sobre seus adversários e questionar o trabalho da imprensa brasileira. A maior parte dos rumores propagava pânico moral, apelando principalmente ao lado emocional de quem lê, seja causando raiva, desprezo ou aversão.

A ascensão das mídias digitais alterou profundamente a forma como as pessoas socializam. A exposição e as reações instantâneas só são possíveis com as redes sociais, que mudaram essencialmente como as pessoas interagem e percebem o mundo (Bachur, 2021).

A criação de boatos e o questionamento da imprensa tradicional feito por políticos fortalece o movimento de descredibilização do jornalismo. Além disso, as mídias digitais tornaram a internet mais acessível e ampliaram o uso dos usuários privados como criadores e replicadores de mensagens, tornando este ambiente um grande oceano de ruídos (Bachur, 2021).

Esses rumores se fortalecem a partir de dois fatores: os filtros-bolhas (ou bolhas) e as câmaras de eco. Os filtros-bolha, para Pariser (2011), determinam o que é melhor para cada usuário. Esse mecanismo é feito de forma individual, o que deixa cada pessoa sozinha em sua própria bolha. Também é imperceptível, ou seja, as pessoas não conseguem perceber o grau de parcialidade e de filtragem de informações. Por último, é involuntário: não escolhemos entrar em uma bolha. As bolhas, por sua vez, vêm até nós. Já as câmaras de eco são descritas como uma “formação na rede social que transforma o modo no qual a informação é transmitida

e interpretada pelos atores”. Elas funcionam em duas etapas: na primeira, uma informação é repetida, formando-se um eco daquilo que já se acredita. Na segunda, que diz respeito à câmara, é um espaço que permite a mesma informação ser difundida para o usuário via vários caminhos diferentes (JASYN, WAGGLE, FISHER, 2015, p. 1, apud FERREIRA, RIOS 2017, p. 4-5).

4.3 TIPOLOGIA DA DESINFORMAÇÃO

Para destrinchar o espectro da desinformação, vamos utilizar o guia Entender a Desordem Informacional (2020), elaborado pela instituição First Draft. No guia, Wardle (2020) defende o uso de termos mais apropriados para casos de desinformação: propaganda, mentiras, conspirações, rumores, fraudes, conteúdo hiperpartidário, falsidades ou mídia manipulada. Para todas essas expressões, a autora constrói e divide-as em categorias para cada significado, que ela denomina de ecossistema da desinformação. São elas a desinformação, a mesinformação e a malinformação.

A desinformação, como já foi abordada anteriormente, é descrita por Wardle (2020) como um conteúdo criado com a intenção de ser falso e causar danos. Ele ocorre por três motivos principais: ganhar dinheiro, ter influência política ou, objetivamente, causar problemas.

A mesinformação, por sua vez, é o resultado do compartilhamento de um material de desinformação, mas muitas vezes a pessoa que está compartilhando não sabe que é falso e acredita estar ajudando a divulgar aquele conteúdo.

Já a malinformação possui um caráter um pouco mais complexo. Enquanto nas outras duas categorias o conteúdo é falso, mas as intencionalidades em divulgar são diferentes, na malinformação as informações são genuínas, mas são compartilhadas com o intuito de causar danos, podendo ser distorcidas e/ou reformuladas (Wardle, 2020).

Dentro desse ecossistema, podemos identificar sete categorias de transtorno da informação. São elas: sátira ou paródia, conexão falsa, conteúdo enganoso, contexto falso, conteúdo impostor, conteúdo manipulado e conteúdo fabricado. Este conjunto pode ser distribuído em uma escala, que vai de dano baixo até dano alto.

6. RECURSOS JORNALÍSTICOS

Para Souza, Rocha e Gadini (2012), o jornalismo é uma atividade intelectual, e não tecnicista. Nilson Lage, em seu livro “Estrutura da Notícia” (1987), definiu a notícia como

[...] o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante. Essa definição pode ser considerada por uma série de aspectos. Em primeiro lugar, indica que não se trata exatamente de narrar os acontecimentos, mas de expô-los. (LAGE, 1987, p. 16)

A pesquisadora Adriana Santana (2009) propõe uma classificação de 10 critérios de construção de notícias relacionados à apuração para aplicar durante a investigação de uma pauta. São eles: 1) Consulta a mais de uma fonte, de instâncias diferentes do fato, 2) Além das informações oficiais, 3) Utilização de declarações realizadas via entrevista do próprio veículo, 4) Pauta própria, 5) Contextualização dos fatos, 6) Cruzamento de dados, confrontamento de pontos de vistas, 7) Informações além das básicas, 8) Elementos de descrição/narração pormenorizados, 9) ‘Insights’/fuga do tradicional e 10) Enxergar além dos números oficiais.

7. CREDIBILIDADE JORNALÍSTICA

Quando falamos sobre a produção jornalística e como ela chega até o público, é comum que a discussão sobre credibilidade seja levantada. Antes de compreendermos os principais pontos que tornam um material crível, devemos diferenciar o conhecimento jornalístico do senso comum. Para a pesquisadora Isabelle Anchieta (2011), podemos diferenciá-los da seguinte forma:

[O conhecimento jornalístico] não é idêntico ao senso comum, por possuir um modo e processo próprio de selecionar, enquadrar, valorar e ordenar os acontecimentos em um tempo e espaço próprios da notícia (newsmaking); muito menos pode se situar como um conhecimento com os rigores formais próprios da Ciência e da História, na medida em que busca dar comunicabilidade a sua narrativa. (ANCHIETA, 2011. p. 169)

Os autores Gass e Seiter (2003 apud Serra, 2006) propõem quatro características da credibilidade jornalística para análise: 1) alguém só é credível

porque o receptor assim o considera, 2) depende da autoridade e reputação da fonte de informação, 3) a fonte é credível de acordo com o contexto (pode ser considerável digna de credibilidade em uma situação, mas não em outra) e 4) a dinâmica entre emissor e receptor.

Esta discussão é relevante para analisar o trabalho realizado pela Brasil Paralelo no documentário “1964: o Brasil entre Armas e Livros”, uma vez que a própria empresa se assume como produtora de conteúdo jornalístico. Desta maneira, podemos também observar o longa pelo prisma do jornalismo e apontar os principais recursos de credibilidade foram utilizados no filme.

7. ANÁLISE

Em meio à crise política brasileira de 2016, que culminou no processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff, surge um movimento que seria conhecido posteriormente como “nova direita”. Neste contexto de insatisfação política e fortalecimento de ideologias ligadas ao conservadorismo, surge a produtora Brasil Paralelo. Fundada em Porto Alegre no ano de 2016 por Filipe Valerim, Henrique Viana e Lucas Ferrugem, a produtora se define como “uma empresa privada de jornalismo, entretenimento e educação”. Ela ganhou notoriedade e relevância dentro da extrema-direita brasileira, produzindo conteúdos (especialmente audiovisuais) sobre temas históricos, políticos e de atualidades, adotando narrativas revisionistas e/ou negacionistas que distorcem os acontecimentos para benefício próprio.

A primeira produção autoral de sucesso se deu um ano após sua fundação, com o lançamento da série “Brasil: A Última Cruzada” (2017), que tem como objetivo recontar a história do descobrimento do Brasil ao longo de seis episódios. A partir daí, a produtora lançou diversos outros materiais nesse sentido, como a trilogia “Pátria Educadora” (2020), “Entre Lobos” (2022) e seu longa mais famoso e objeto de estudo desta pesquisa: “1964 - O Brasil entre Armas e Livros” (2019), documentário analisado neste trabalho.

A versão do documentário que está presente no YouTube possui duas horas, sete minutos e dezenove segundos de duração. O longa se divide em 21 seções, e cada

uma delas aborda uma temática envolvendo a ditadura militar brasileira. Um dos recursos do YouTube utilizado para dividir as partes do longa é o timestamp ou marcação de tempo, que possibilita ao telespectador “navegar” por cada temática do filme usando as divisões presentes na linha de reprodução do vídeo.

O timestamp está disposto na parte inferior do quadro de exibição do YouTube, na linha de reprodução do vídeo. A linha, em cinza, divide-se conforme a marcação do tempo atribuída pelo canal que publicou o vídeo (neste caso, a Brasil Paralelo). Também podemos notar que há uma espécie de gráfico em cima da linha, que mostra os “picos” de momentos com maior repetição do longa. Os momentos com maiores “picos” nos gráficos são chamados pelo YouTube de “Mais Repetidos”. Ou seja, são os momentos em que a audiência mais clicou na linha de reprodução (para começar o vídeo novamente ou ver aquele trecho em específico, geralmente por chamar mais atenção).

A seleção dos trechos a serem analisados neste trabalho será realizada com base nos gráficos dos momentos mais repetidos. Utilizando esse critério, podemos definir as partes que foram mais assistidas e analisá-las seguindo os critérios estabelecidos por este artigo: recursos de metodologia jornalística, tipologia da desinformação e critérios de credibilidade.

Segundo o gráfico de reproduções, os maiores picos de repetição ocorrem em quatro momentos temáticos do longa: 8:46 - Os planos secretos de Stalin para espalhar o comunismo, 1:21:12 - O terror propagado pelos comunistas: terroristas que hoje são reverenciados, 1:28:58 - Atos terroristas e manifestações estudantis enfraqueceram os militares? e 1:49:54 - O Fim do Regime Militar: apagaram a história de 1964. A análise do documentário “1964: O Brasil entre Armas e Livros” será realizada neste trabalho de maneira mais minuciosa nesses quatro trechos, pois, de acordo com o que é demonstrado na plataforma YouTube, são os momentos mais repetidos pelos usuários.

7.1 ANÁLISE DOS TRECHOS

7.1.1 Recursos de Metodologia Jornalística

Os recortes analisados seguem um padrão que se repete por todo o documentário: as narrações e os momentos de entrevista se intercalam ao longo do filme inteiro. As narrações, de modo geral, servem para dar uma contextualização sobre os acontecimentos citados. Elas são acompanhadas, em sua maioria, por imagens de arquivo, sejam elas fotos ou vídeos de figuras históricas ou de documentos da época. Outro recurso muito utilizado também são as animações de manchetes de jornais da época, que servem de reforço para a narração. Já as fontes entrevistadas auxiliam a reforçar algum argumento trazido pelo roteiro, servindo como especialistas. Ao longo deste tópico, iremos apresentar as informações retiradas dos quadros de maneira comparativa, procurando achar padrões e divergências entre os trechos.

Com a aplicação do primeiro critério, Recursos de Metodologia Jornalística, podemos observar que os trechos analisados do longa cumprem 9 dos 10 critérios estabelecidos por Santana (2009) de metodologia jornalística. Seguindo a ordem da tabela, vamos passar brevemente sobre como os elementos se apresentaram ao longo dos trechos.

O primeiro recurso da tabela, Consulta a mais de uma fonte, de instâncias diferentes do fato, foi considerado presente em todos os quatro trechos do documentário. Nos trechos, o longa utiliza-se de fontes especialistas diferentes (historiadores, jornalistas, cientistas políticos e escritores, entre outros) para dar um contexto geral e reforçar argumentos do filme sobre o que estava acontecendo no mundo durante as décadas da ditadura militar brasileira, cumprindo assim o primeiro quesito proposto pelo quadro.

Seguindo nesta linha, nota-se que os recortes analisados também vão além das informações oficiais, segundo o método do quadro, uma vez que consultam vários tipos de fontes que trazem informações diferentes daquelas divulgadas pelas instituições na época. Este elemento também está presente em todos os recortes.

Os trechos analisados também nos permitem afirmar que as entrevistas com as fontes foram realizadas pela produtora, terceiro tópico abordado no quadro. Além disso, em alguns dos recortes é possível observar que, durante alguns momentos mais longos dos depoimentos, aparece uma legenda escrita “Quer esta entrevista

completa? Assine e torne-se membro”, trazendo a noção de exclusividade de captação do material disposto no filme.

O quarto quesito da tabela, pauta própria, também pode ser conferido nos quatro trechos, a partir da escolha das fontes feitas para serem entrevistadas. Também há uma seleção de perguntas pensada especificamente para cada entrevistado, adicionando ainda mais elementos autorais para a pauta.

Já a contextualização dos fatos se faz presente principalmente nos momentos de narração. Como já foi citado anteriormente, o filme se constrói mesclando momentos em que a narração descreve os fatos (como, por exemplo, no primeiro trecho, que fala sobre a situação geopolítica da época e como ela influenciou para permitir a ascensão dos militares ao poder) com falas dos entrevistados que reforçam o argumento trazido previamente. Este recurso também está presente em todos os momentos analisados.

O sexto recurso, cruzamento de dados e confronto de pontos de vista, não pode ser observado em nenhum dos trechos analisados. Isso porque, apesar de o filme trazer fontes de diferentes áreas do conhecimento para as entrevistas, elas acabam representando pensamentos do mesmo espectro: todos eles trazem discursos ligados à extrema-direita. Em nenhum momento desses recortes há a presença do “outro lado” ou espaço para estudiosos de outras áreas contribuírem.

Em seguida, temos o método “informações além das básicas”. Durante os trechos, são dadas algumas informações de conhecimento geral do público (como a criação da OTAN e do Pacto de Varsóvia, por exemplo). Mas esses fatos são, por muitas vezes, incrementados por outras informações que foram consultadas de outras fontes. Desta forma, consideramos este elemento como presente em todos os momentos analisados.

Os elementos de descrição também podem ser observados em todos os trechos. De modo geral, podemos notar esses recursos principalmente nos momentos de narração, na qual a fala que descreve um fato é aliada às imagens de arquivo retratando os acontecimentos da época.

O penúltimo elemento, “insights”/fuga do tradicional, pode ser percebido pela abordagem realizada durante os recortes. Para dar um exemplo, enquanto a grande

parte dos documentários que retratam a ditadura militar brasileira, durante a contextualização mundial, dá enfoque à atuação dos Estados Unidos para favorecer a ascensão dos militares ao poder e implementar uma ditadura no Brasil, estes recortes preferem se ater à suposta ameaça comunista que a Rússia representava ao Brasil.

Por fim, temos o elemento enxergar além dos números oficiais. Como já foi mencionado anteriormente, todos os trechos analisados trazem depoimentos de vários especialistas diferentes, trazendo informações novas ao filme.

7.1.2 Elementos de Construção de Credibilidade

Após a aplicação do segundo quadro nos quatro trechos, conseguimos identificar que dois dos quatro elementos de construção de credibilidade apontados por Gass e Seiter (2003 apud Serra, 2006) não estão presentes em nenhum dos recortes analisados.

O primeiro recurso do quadro é denominado pelos autores de Alguém só é credível porque o receptor assim o considera. Apesar desta pesquisa não considerar o receptor para realizar a análise devido à complexidade de mensurar a credibilidade entendida pelos telespectadores dentro do corpo desta pesquisa, este elemento foi considerado presente em todos os quatro trechos investigados. Isso porque, apesar de a credibilidade não poder ser medida nesses recortes específicos, podemos facilmente conferir algumas provas da relação de confiança entre emissor (Brasil Paralelo) e receptor (telespectadores dos conteúdos da Brasil Paralelo) na seção de comentários do documentário no YouTube.

Já o segundo elemento, chamado de Depende da autoridade e reputação da fonte de informação, não foi considerado presente em nenhum dos quatro recortes analisados. Ainda que a Brasil Paralelo tenha ganhado notoriedade com seus documentários históricos, eles não são bem-vistos dentro da comunidade científica. Isso se deve principalmente ao uso de revisionismo histórico, método que, para os principais pesquisadores da área da história, é feito aliado ao negacionismo e visando recontar acontecimentos para favorecer algum espectro político.

O terceiro recurso, por sua vez, é chamado de A fonte é credível conforme o contexto. Para a análise deste elemento, foi considerado o uso das fontes

entrevistadas e como elas são consideradas. Neste sentido, nos recortes, foram ouvidas 15 fontes. Esses 15 especialistas são descritos como jornalistas, escritores, filósofos, pesquisadores, cientistas políticos e historiadores. Outros são identificados de maneira mais específica, como Hélio Beltrão, que é presidente do Instituto Mises Brasil, e Alexandre Borges, diretor do Instituto Liberal. Apesar de os cargos apresentados aparentarem ser fontes confiáveis para discorrer sobre a ditadura militar brasileira, alguns desses nomes são envolvidos em casos em que contribuíram para espalhar desinformação. Um exemplo clássico disso é Olavo de Carvalho, filósofo da extrema-direita, conhecido por fazer lives em que comentava informações distorcidas e/ou totalmente falsas. Então, dessa forma, concluímos que não há presença de fontes credíveis no contexto do filme.

Finalmente, temos o último elemento do quadro: A dinâmica entre emissor e receptor. Como mencionado anteriormente, apesar de não ser o objetivo de estudo desta pesquisa, a dinâmica de confiança entre o emissor e o receptor neste caso é percebida através da linguagem (tanto cinematográfica quanto verbal) adotada pelo documentário para conquistar o telespectador. Deste modo, consideramos este último recurso como presente em todos os trechos analisados.

7.1.3 Tipologia da Desinformação

O último critério de análise do documentário, o de Tipologia da Desinformação, foi aplicado segundo os conceitos indicados por Wardle (2020). Durante a investigação, foram identificados dois dos sete tipos propostos pela autora. Como cada tipologia é muito específica, vamos nos ater apenas às descrições dos tipos identificados no filme. Os dois tipos identificados nos recortes analisados foram: Conteúdo enganoso e Contexto falso.

Seguindo a ordem dos quadros, o Conteúdo enganoso (de forma mais simples, reformulação de informações para corroborar com um argumento mais amplo) foi identificado nos quatro trechos analisados. Porém, no recorte três, ele só aparece na dimensão verbal. Isso acontece porque, apesar de este trecho especificar a relativização das informações sobre a ditadura (como em um momento em que um dos entrevistados

afirma que a ditadura foi instaurada apenas em 1968), assim como os outros, não há nenhum recurso visual que corrobore com isso.

O contexto falso, por sua vez, consiste em compartilhar informações genuínas, mas com detalhes contextuais falsos. Este recurso foi observado em todos os trechos e é possivelmente a tipologia que mais prevalece durante o documentário.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou investigar as relações entre o procedimento jornalístico e como ele é adotado por veículos ligados à extrema-direita como estratégia para propagar desinformação através da internet. Durante a revisão bibliográfica, foi possível constatar que proliferar conteúdo baseado em desinformação e o revisionismo histórico ideológico são dois grandes artifícios utilizados pela Brasil Paralelo para conquistar espaço e público na internet.

Aqui, retoma-se o problema de pesquisa: Quais são os recursos jornalísticos que a Brasil Paralelo se apropria no documentário “1964 - o Brasil entre Armas e Livros” para passar a imagem de credibilidade? À pergunta norteadora, responde-se através do objetivo principal desta pesquisa, que é identificar os métodos jornalísticos utilizados pela Brasil Paralelo. A produtora faz uso de uma grande quantidade de elementos da metodologia jornalística, nove dos dez recursos analisados: consulta a mais de uma fonte, vai além das informações oficiais, realiza entrevistas e pautas próprias, contextualiza os fatos narrados, busca informações diferentes das disponibilizadas, realiza descrições dos acontecimentos, adota abordagens diferentes do acontecimento e busca outros números além dos oficiais.

Apesar de a Brasil Paralelo cumprir quase todo o procedimento jornalístico, ela não possui o mesmo rigor utilizado pelos jornalistas. Isso se comprova principalmente através do único método que ela não cumpriu nesta análise: o de cruzamento de dados e de pontos de vista. Durante os trechos analisados, é perceptível que as fontes não foram escolhidas com base na competência sobre o assunto, e sim se estavam alinhadas à ideologia da produtora ou não. O que, em um documentário, não representa um problema, uma vez que toda obra documental possui o ponto de vista do documentarista. A maior fragilidade identificada na Brasil

Paralelo nesta pesquisa foi o discurso contraditório: enquanto no manual editorial do site ela se define como uma empresa “apartidária, laica e com único comprometimento à busca honesta pela verdade”, no filme analisado nesta pesquisa ela usa informações enganosas, descontextualizadas e, em alguns casos, falsas.

Mesmo com o mau uso das metodologias jornalísticas, a Brasil Paralelo constrói um vínculo de confiança com seus telespectadores, que, muitas vezes, acreditam cegamente nesse tipo de veículo, seduzidos por uma produção audiovisual bem-feita.

É importante salientar que esse ecossistema de desinformação não é apenas alimentado por grandes absurdos inventados do nada. Este objeto de estudo é um grande exemplo disso: os tipos de desinformação mais presentes no filme usam reformulações de fatos para favorecer um argumento e alteram o contexto das informações para se encaixar melhor na tese que querem promover.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. E.-J. Eduard Bernstein e a social-democracia. **Plural**, [S. l.], v. 13, p. 5-34, 2006. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2006.75159>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/75159>. Acesso em: 19 mar. 2025.

ANCHIETA, I. O paradoxal estatuto do conhecimento jornalístico: entre a desconsideração e o protagonismo do saber produzido pelas notícias nas sociedades modernas. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 34, n. 2, p. 157–174, jun. 2011.

ARAÚJO, Gilvan Ferreira de. Telejornalismo: da história às técnicas. 1. ed. Curitiba: **Intersaberes**, 2017. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2025.

BACHUR, J. P. Desinformação política, mídias digitais e democracia: Como e por que as fake news funcionam? **Direito Público**, v. 18, n. 99, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11117/rdp.v18i99.5939>. Acesso em: 19 mar. 2025.

CADWALLADR, Carole. The great British Brexit robbery: how our democracy was hijacked. **The Guardian**, 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2017/may/07/the-great-british-brexite-robbery-hijacked-democracy>. Acesso em: 19 mar. 2025.

THE CAMBRIDGE ANALYTICA FILES. "I made Steve Bannon's psychological warfare tool": meet the data war whistleblower. **The Guardian**, 2018a. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/data-war-whistleblower-christopher-wylie-facebook-nix-bannon-trump>. Acesso em: 19 mar. 2025.

PARLIAMENT seizes cache of Facebook internal papers. **The Guardian**, 2018b. Disponível em: https://www.theguardian.com/technology/2018/nov/24/mps-seize-cache-facebook-internal-papers?utm_source=MIT+Technology+Review&utm_campaign=do39264ad8-EMAIL_CAMPAIGN_2018_11_26_12_44&utm_medium=email&utm_term=0_997ed6. Acesso em: 19 mar. 2025.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

FERREIRA, A. V.; RIOS, J. R. Filtro bolha, câmara de eco e a formação de opiniões. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos da Comunicação**, 04-09 set. 2017, p. 1-12.

MARTIN, W. Bauer; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som - Um manual prático**. Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som - Um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

MELO, Demian Bezerra de. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. Marx e o Marxismo - **Revista do NIEP**Marx, v. 1, n. 1, p. 3, 2013.

NAPOLITANO, M. Negacionismo e revisionismo histórico do século XXI. In: PINSKY, J.; PINSKY, C. B. (orgs.). **Novos Combates pela História: Desafios - Ensino**. São Paulo: Editora Contexto, 2021. p. 85-114.

PARISER, Eli. **O filtro bolha – o que a Internet está escondendo de você**. 1. ed. Tradução: Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 254 p.

SANTANA, Adriana. O repórter e o jornalista cordial: sobre o papel da apuração no jornalismo. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 125-140, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=465645960010>. Acesso em: 19 mar. 2025.

SERRA, P. A credibilidade da informação na web. **BOCC**. 2006. Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-credibilidade-web.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2025.

SOUZA, Carlos Alberto de; ROCHA, Paula Melani; GADINI, Sérgio Luiz. A produção jornalística e a prática acadêmica na Agência de Jornalismo da UEPG. **Conexão UEPG**, Ponta Grossa: Editora UEPG, v. 8, n. 1, 2005-2012.

WARDLE, C. Entender a desordem informacional. **First Draft**, 2020. Disponível em: https://firstdraftnews.org/wpcontent/uploads/2020/07/Information_Disorder_Digital_AW_PTBR.pdf?x75440. Acesso em: 19 mar. 2025.